

A ESSÊNCIA DA LINGUAGEM ROSEANA EM *Ave, Palavra* DESVELADA PELO PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER

Elvira Livonete COSTA*

- **RESUMO:** A poesia que mana de *Ave, Palavra* flui da pluralidade significativa de sua escritura, resulta da unidade de elementos interiores à obra e da entrega incondicional do poeta, uma ação que o conduz ao lugar da essência da linguagem. O canto inaugural da poesia roseana penetra na fala atemporal da linguagem para então estabelecê-la a partir dela mesma de forma genuína. Pretendemos neste trabalho a análise de alguns aspectos da última obra escrita por João Guimarães Rosa, conduzidos pelo pensamento de Martin Heidegger acerca do processo que encaminha a essência do poeta ao lugar de onde a linguagem subverte o próprio tempo e lhe acena por meio do fenômeno da criação poética.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Guimarães Rosa. *Ave, Palavra*. Criação Poética. Linguagem. Martin Heidegger.

Introdução

O homem medita acerca dos fenômenos da linguagem há centenas de anos, e mesmo assim ainda se vê envolto a um terreno nebuloso e incerto, no qual não se pode pisar firme, porquanto está sujeito a não encontrar ao menos uma definição suficientemente adequada para delimitar esse ser tão escorregadio. Escapa ao pensamento uma perspectiva que alcance toda sua envergadura, visto que o espaço em que habita a linguagem se mantém encoberto e completamente fechado, impenetrável. No entanto, ela nos acena de longe por meio da relação tão próxima mantida com o homem no interior da fala. A linguagem se manifesta por intermédio desta capacidade natural ao homem, tal fenômeno possibilita diferenciá-lo de todo outro ser vivo, todavia a fala humana não evoca as coisas e o mundo por si só, esta repousa na relação com o falar da linguagem.

Na consonância do quieto a linguagem se apropria da fala do homem para se constituir sonora, fazendo uso desta fala para vigorar e também para a escuta dos mortais. Nesta caminhada rumo ao desvelamento de alguns aspectos possíveis da linguagem, como seu modo de ser e de manifestar essa essência e para empreender uma escuta da fala própria da linguagem, partimos na trilha que nos conduz aos movimentos de aproximação e apropriação de nosso ser pela essência da linguagem.

* Mestre em Letras - Literatura e Crítica Literária. PUC-GO - Pontifícia Universidade Católica. Goiânia - GO - Brasil. 76680000 - elvira-livonete@hotmail.com

Artigo recebido em 08/11/2016 e aprovado em 10/05/2017.

Buscar entender a natureza da linguagem significa deixá-la falar a partir do lugar dela mesma, tomando o cuidado para não sermos envolvidos pelo redemoinho poeiril que permeia esse caminho. Enquanto tentarmos caracterizar a linguagem a partir de nosso próprio olhar ou de nossa concepção acerca de seu ser, estaremos sempre caindo nos abismos que nos separam de sua essência, porquanto não dominamos a linguagem a ponto de apreendê-la de forma completa e absoluta. Partindo desse pensamento e fundamentados nas reflexões de Martin Heidegger nos inclinamos para entender os acenos longínquos da linguagem para que estes nos apontem o caminho para o lugar de sua essência.

Esta pesquisa, de natureza teórica, será pautada nos diversos aspectos do modo de composição poética de Guimarães Rosa, abordando os procedimentos adotados pelo escritor em sua linguagem que resulta na pluralidade significativa de sua escritura. Busca-se ainda contemplar o universo metafísico roseano, o qual possibilita a apropriação do texto pela linguagem. Destarte, nosso estudo pretende investigar as formas de composição de Guimarães Rosa como acontecimento fundamental do Ser da linguagem que se manifesta na palavra. Uma incursão pelas veredas do universo roseano, conduzidas pela obsessão de sua palavra que percorre toda sua produção para desaguar em *Ave, Palavra* (ROSA, 2001).

Essencialização: Do Ser e da Linguagem Roseana

Heidegger (2003) expõe em *A Caminho da Linguagem* que os fenômenos linguísticos caracterizam a linguagem como expressão sonora de movimentos interiores da alma como atividade humana e como uma representação figurada e conceitual, apesar de se mostrarem representações corretas, estas constatações apreendem formas paradigmáticas dos aspectos como a linguagem se manifesta. O papel desempenhado pela linguagem no interior dos fenômenos linguísticos não aborda a linguagem como linguagem, ouvir a fala de seu ser¹ remete a um movimento que en-caminha ao dito da linguagem quando sua fala se resguarda. Nos desdobramentos de seu ser a fala recolhe seu perdurar, “[...] no dito, a fala recolhe e reúne tanto os modos em que ela perdura como o que pela fala perdura – seu perdurar, seu vigorar, sua essência” (HEIDEGGER, 2003, p.12). Martin Heidegger considera que abstrair a fala da linguagem no que se diz comporta um dizer genuíno, um dito pleno e matinal, e para o filósofo, apenas o poema possui essa inaugural capacidade de dizer. A essência da linguagem impregnada nos versos de uma grande obra poética faz com que seu dizer perpassasse até mesmo o próprio nome do poeta.

¹ Heidegger (2006) chama de “ente” tudo que existe, inclusive figuras abstratas que envolvem o homem e o mundo, enfim, ente é definido como um ser determinado. A questão acerca do sentido de “ser” é profundamente complexa, visto que transcende toda universalidade genérica. O conceito de ser en-caminha para tornar transparente um ente por meio de uma visualização previamente dada, ou seja, a própria constituição da presença. “Chamamos de ente muitas coisas e em sentidos diversos. Ente é tudo de que falamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos. Ser está naquilo que é e como é, na realidade, no ser simplesmente dado, no teor e recurso, no valor e validade, no existir, no dá-se.” (HEIDEGGER, 2006, p.42).

Heidegger (2003) elege o poema “Uma tarde de inverno”, de Georg Trakl, para refletir sobre o caminho que conduz à essência da linguagem que permeia o dizer poético. O pensador faz uma análise primorosa revelando os traços e contornos elaborados ao longo de todo o poema, uma rede de significados e sensações condensadas em uma fala que não cessa de dizer, uma múltipla enunciação da linguagem expressa por meio da imaginação poética. Pelo canto do poema a linguagem nomeia evoca para a palavra e convoca para a proximidade, para com isto provocar a vigência das coisas.

O vigor da fala poética concerne vigência às coisas desdobradas numa ausência, porquanto, de acordo com o filósofo alemão, na fala dos mortais o dito do poema é puro chamado. Chamado que evoca, convida e nomeia também os mortais, não todos, apenas aqueles que trilham veredas escuras, viandantes da errância, seres elevados e possuidores de uma escuta absolutamente autêntica. Enfim, são escolhidos por se apresentarem como seres diferenciados e dispostos a se lançar na morte iminente desta travessia em busca da sublime morada. Os chamados escutam e co-respondem ao chamado, lançam-se em uma caminhada silenciosa rumo à quietude apropriadora da fala da linguagem.

João Guimarães Rosa se mostra como o estranho, estrangeiro e solitário citado por Heidegger no poema de Trakl. Rosa se assemelha a este viandante obstinado em uma constante e indeterminada travessia, aquele que escuta e atende ao chamado que recolhe a essência da linguagem, por isto não apenas seus poemas, mas toda sua composição literária é impregnada de pura poeticidade. Heidegger afirma que a prosa não se opõe ao dizer genuíno do poema, visto que a prosa é tão poética e tão rara como a poesia. A *ponta de lança* da prosa poética de Guimarães Rosa repousa no lugar onde tudo converge, reunindo e recolhendo a essência das coisas e do mundo para desaguar na saga do dizer.

A menina está perdida, no tempo. Para mim. Por longínqua. (Tanto os anos são uma montanha.) Nunca mais poderei vê-la? Não poderei esquecê-la, portanto. A ela e ---- À Lua, A GLABRA, O jamais. A grande lua que vasava. *A lua toda medula e mágoas.* A ---- um gelo eterno, esculpido e iluminado. O castelo balançante. Uma sereia pastando algas. A eunte e iente, *belagnólia, lindagnólia, magnóliave,* gema e clara. A rociosa. A melancolia branca, *floriswalda, silvoswalda,* IÁIDA, IOEMA, IARODARA, neomênia, mestra de sonhos. Pertubatriz. A alta lua idoura e vindoura, enviada de longe, enviada ---- noiva no vácuo ---- somenos luz. A do lago. (...“Iram” ... “nove” ... por exemplo, *estas ou outras quaisquer* ---- infêis palavras – *sem sentido.*) O ARQUIVO DE ESPELHOS. Muralha. (ROSA, 2001, p.241, grifo do autor).

Em sua prosa poética Guimarães Rosa deposita a essência recolhedora da palavra autêntica na completude de seu dizer, apropriando o dito que repousa em sua grande e única poesia. O lugar dessa única e grande poesia sustenta seu dizer poético, fluindo para todas as demais, porquanto nenhum poema isolado comporta a capacidade de dizer tudo. A poesia maior de um poeta é velada, impronunciada e silenciosa, no entanto ela percorre e ressoa a cada vez no dito de todos os seus outros poemas, emergindo daí como uma saga poética que advém da intensidade com que o poeta se entrega a essa grande e única poesia

enraizada em seu ser. Fazer alguma colocação acerca do lugar desta poesia apropriadora do dizer de Rosa é uma tarefa quase impossível, entretanto buscar-se-á no dito de cada poema isolado por meio do diálogo poético, rastreando o brilho que emana do lugar de sua poesia primeira. O vigor da linguagem roseana se manifesta nos movimentos de seu ser para além de si mesma, transborda e transcende os múltiplos sentidos desvelados através da palavra. Nesta saga do dizer o autor busca incansavelmente a palavra como fonte a ser descoberta e redescoberta incessantemente.

A linguagem constitui e fundamenta a condição existencial da possibilidade de compreensão e interpretação na abertura do ser-no-mundo. Heidegger (2006) afirma em *Ser e Tempo* que a compreensibilidade pronuncia-se pela fala, enquanto a totalidade significativa vem à palavra, brotam palavras por intermédio dos significados, portanto as palavras não são coisas dotadas de significado. De acordo com as reflexões do filósofo, a fala se revela como fator constitutivo da existência do ser da presença², e esta por sua vez configura-se como o movimento de abertura que permite a tudo o que aparece aparecer, dado que a fala articula o ser do *pre*³ e por meio da fala a presença se pronuncia, à vista disso diz-se que a presença possui linguagem. Martin Heidegger continua sua reflexão esclarecendo que os signos linguísticos utilizados pela fala em que se anuncia e pronuncia o ser no mundo (ser-em) da disposição (interferências com estar-fora) se desvela no tom, na modulação, no ritmo da fala, no modo de dizer, portanto estas possibilidades comunicativas da abertura da existência revelam-se como a meta explícita da fala poética. A fala autêntica, atribuída por nós como uma capacidade inerente aos grandes poetas, comporta uma abertura diferenciada, própria, original e rica, característica presente naquele que se distancia da “falação” e articula o silenciar de maneira que seu dito ressoe infinitamente. A linguagem se manifesta como o ser em uma fala, a partir disso Heidegger estabelece o pensamento de que a linguagem se evidencia como a morada do ser, portanto para anunciar uma fala autêntica e inaugural o ser do poeta busca construir sua morada no horizonte do espaço velado da linguagem.

A essência insigne da palavra poética roseana se dissolve nas várias cartas, diários, poemas, crônicas e contos encapsulados no corpus de *Ave, Palavra* (ROSA, 2001). Em *Fantasmas dos vivos* (ROSA, 2001) nos deparamos com uma narrativa de cunho metafísico que remete ao mais abstruso pensamento, transcendendo ao sensível do consciente humano. A voz narradora mana da profundidade visceral de um ser pulsante e enérgico, a qual relata acontecimentos e sensações impregnadas de subjetividade. As palavras comportam sentidos fluidos que perduram em meio a fluxos da consciência, tematizando aspectos surreais das vivências de um eu interior condensado nas misteriosas dobraduras do pensamento. A potência desta fala demanda da opacidade eminente de sua palavra poética decorrente do caráter primevo de seu ser, estas se desvelam como

² Presença refere-se ao termo *Dasein* utilizado por Heidegger (2006) para denominar o processo de constituição ontológica de homem, ser humano e humanidade. É na presença que o homem constrói seu modo de ser, sua existência, sua história.

³ Martin Heidegger (2006) explica que o “pre” remete ao movimento de aproximação antecipadora e antecipação aproximadora, constitutivo da dinâmica do ser, através das localizações.

turbinas geradoras de uma linguagem que eleva e sustenta um dizer autêntico em meio às profundezas abissais do silêncio essencial.

Pensar a essência da linguagem nos remete ao sentido de ser, isto por sua vez se desvela como um fenômeno tão fluido como a própria linguagem. Ao procurar uma significação exata do ser nos sujeitamos ao risco de fracassar, porquanto nos colocamos à beira de um abismo sem superfície. Aprender o sentido de ser pode nos levar a vários caminhos por diferentes áreas do saber, e mesmo assim, certamente fracassará da mesma forma, visto que a certeza que se tem é de que o sentido de ser não permite ser definido, e muito menos a partir de outra coisa que não seja pela essência do próprio ser. O ser da presença que dá vigência aos entes nos reporta a labirintos sempre que tentamos defini-lo ou representá-lo, quanto mais nos aproximamos de um conceito, mais sua obscuridade se esquia e retrai. Na medida em que se afasta, resta-nos apenas contemplar de longe seus movimentos se diluindo através do tempo, um horizonte sem fim impossível de percorrer. As experiências que remetem ao sentido de ser abarcam o deslocamento do pensamento arraigado em uma concepção limitada acerca da infinitude dos precipícios temporais.

Na tentativa de obter algum sentido dos movimentos da presença esbarramos nos percalços do tempo como fator determinante dos vários aspectos que o comportam. De acordo com Heidegger (2006), pensar o ser a partir do tempo comporta um raciocínio em que tudo é digno de ser pensado sobre o homem, visto que indiscutivelmente, pensar é o modo de ser do homem. Pensando, o ser se desprende e se entrega na imprevisibilidade de um tempo original, se lança na escuta de um dizer da linguagem em seu respectivo silêncio.

No silêncio, o sentido do ser chega a um dizer sem discurso nem fala, sem origem nem termo, sem espessura nem gravidade, mas que sempre se faz sentir, tanto na presença como na ausência de qualquer realização ou coisa. Aqui o discurso simplesmente se cala por não ter o que falar e, neste calar-se, tudo chega a vibrar e viver na originalidade de sua primeira vez. É o tempo originário do sentido. (HEIDEGGER, 2006, p.553).

Esse pensamento nos remete à relevância do silenciar para conseguir uma escuta autêntica como única forma de obter uma fala original. Heidegger esclarece que tanto o pensamento quanto a fala jamais elaboram um dizer original, em razão de que sempre respondem por já terem escutado, elaborando uma fala sempre repetida por ser constituída por palavras carregadas de valores do passado, levando a compor sempre uma máxima do que antes já fora falado. Somente silenciando o pensamento, permeado pela falação, conseguimos escutar o dizer da própria palavra. A palavra em sua essência pura perpassa o sentido desgastado e repetido para alcançar seu verdadeiro sentido de ser. O eu poético roseano exercitou como poucos essa escuta poética, possibilitando assim, recolher o dito da essência pura da palavra. Antônio Cândido (2006) declara, para o jornal de literatura da USP, que a palavra roseana adquire uma espécie de transcendência, como se valesse por si mesma. Para o exímio crítico literário e professor aposentado de Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, a palavra poética do autor mineiro

é criadora e transcende a matéria narrada. O processo de criação lírica de Guimarães Rosa comporta uma escuta autêntica para elaborar o dizer tão original que repousa em sua saga poética. A espessura da palavra instaurada em *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) excede toda a fala e alcança uma extraordinária transcendência nos interditos, os quais repousam no silêncio vigoroso e desconcertante de uma voz poética que se cala para, desse modo, poder dizer incessantemente.

Retomando a fala de Heidegger (2006), reiteramos que o homem consuma seu ser através da fala, ou seja, a presença se dá na ação de falar. O ser do homem é para a fala, e este somente “é” enquanto exprime uma fala, todavia, mesmo estando em silêncio o homem executa um dizer, posto que a palavra essencial, por intermédio do tempo das realizações, se consolida no silêncio dos sentidos vindouros de um calar, é a partir da fala e do silêncio que a linguagem estabelece seu dizer. O ser e a linguagem se avizinham de tal forma que passam a existir em um mesmo espaço, arriscamos a dizer que coexistem numa relação de total cumplicidade, uma espécie de necessidade urgente entre si.

Ao pensar o ser da linguagem a sensação de vertigem nos invade em meio aos movimentos circulares de retraimento próprios do ser, ao mesmo tempo em que este se retrai, nos arrasta em meio aos redemoinhos da temporalidade que permeiam as experiências do ser. A temporalidade abarca um sentido diferenciado do conceito comum de tempo cotidiano, uma vez que a caracterização vulgar do tempo segue no eixo referencial determinante da sequência de “agoras” sem fim, passageira e irreversível que advém da temporalidade da presença. O tempo cotidiano mostra-se nivelado por um presente, um agora inapreensível que na verdade não existe, no puro agora já é passado, o sentido de agora escorrega no tempo no momento que se diz agora. Ontologicamente o tempo simplesmente dado subsiste em decorrência dos fenômenos da temporalidade, dizer o agora implica na articulação de uma atualização do tempo que se temporaliza na medida de um aguardar que retém. O processo de datação articulada pelo homem possui caráter de medida “fracionadora” do tempo, a qual se mostra norteada pelo agora, todavia é a temporalidade que possibilita a condição de datação de um tempo universalmente acessível possibilitando ligar o ser-no-mundo, acoplando tempo e espaço.

O tempo do mundo abarca aspectos objetivos e subjetivos concomitantemente e decorre de uma temporalização da temporalidade, constituindo assim uma intratemporalidade. Os fenômenos temporais se desvelam como fatores determinantes nas questões do ser-no-mundo, entretanto, todo ente, mesmo aqueles não dotados do caráter da presença, não pode ser determinado com caráter temporal. A intratemporalidade do ente é arremessada ao encontro da ocupação cotidiana (exercício das relações entre o ser dos entes e o ser da presença) no tempo, a partir de um tempo originário. O agora encerra uma vigência contínua, e o tempo se mostra como uma sequência de agoras que emergem e desaparecem, uma sucessão de agoras se estica ininterruptamente no horizonte do que já foi (outrora) e de um porvir (então). O ser da presença retém o outrora através do movimento de atualização aberto para o horizonte anterior, da mesma forma aguarda o então na atualização do estar aberto ao horizonte posterior, esta atualização contínua se desvela como o próprio tempo. Tal pensamento de Heidegger converge para a interpretação ontológico-existencial da definição de tempo atribuída por Aristóteles (apud

HEIDEGGER, 2006, p.517), onde ele afirma que “[...] o tempo é isso, a saber, o que é contado no movimento que se dá ao encontro no horizonte do anterior e do posterior”.

O filósofo alemão atesta ainda que a temporalidade *ekstática* que constitui o ser da presença se apresenta norteadada pela horizontalidade de um porvir, todavia esse “então”, de forma alguma, corresponde ao significado de um futuro a caminho, mas advém da atualização de um porvir através da unidade ekstática e originária de uma temporalização da temporalidade, visto que, “[...] no anteceder-a-si-mesma, a presença é porvir, ela deve compreender, num aguardar, a sequência dos agora como uma sequência que escapole e passa” (HEIDEGGER, 2006, p.522). Heidegger afirma que a linguagem é a passagem obrigatória de todos os caminhos do pensamento, decorre desse pressuposto a necessidade de uma ação revolucionária para pensar o sentido do ser, e certamente exigir-se-á também da linguagem uma estrutura tão inovadora quanto para empreender tal façanha. Essa imprescindível revolução da linguagem para realizar a tarefa de traduzir os sentidos de ser se manifesta na forma de reverenciar a vigência da palavra essencial por meio do desvelo pela expressividade da palavra e a moderação imposta ao dito pelo silêncio. Por meio da linguagem a temporalidade temporaliza o tempo, haja vista que a linguagem possui a estranha e misteriosa capacidade de transitar no caminho horizontal sempre percorrido pelo tempo. Quando pela linguagem abordo algo acontecido há dez anos, imediatamente presentifico o que já não é mais vigente, o vigor de ter sido passa a vigorar mesmo na ausência do que já não mais vige.

A essência vigorosa da palavra roseana repousa no devir de sua linguagem poética concedendo uma fala matinal recolhida na quietude de veredas distantes que conduzem a seu dizer autêntico. “Fita verde no cabelo (nova velha história)” (ROSA, 2001, p.110) é um texto curto, aparentemente singelo e de fácil compreensão em virtude de apresentar um enredo que nos remete a uma fábula. Todavia, na medida em que adentramos os caminhos tortuosos dessa narrativa, somos atraídos pelo canto de uma voz poética hipnotizadora, e arremessados a um espaço atemporal, “Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam” (ROSA, 2001, p.110). O que inicialmente se assemelharia a uma inocente estória infantil se desvela como um complexo labirinto conduzido pela obscuridade de uma palavra sem origem e sem fim.

O lirismo extraordinário que emana dessa pequena fábula é conduzido pela potência de uma linguagem capaz de transitar na horizontalidade temporal para estabelecer um dizer pleno e original. Por meio dessa possibilidade singular da linguagem, o processo de criação poética roseana lança mão de um enredo arraigado no passado, retirando dele o peso das palavras exauridas pelo tempo. Esse estranho fenômeno de esvaziamento das palavras e em seguida consubstanciá-las de virtualidades significativas, é decorrente dos movimentos propiciadores de um dizer vindouro, sempre novo e surpreendente. A complexa linguagem roseana acolhe e apropria o cedo de um porvir que resguarda a essência originária e sempre velada do tempo. O devir que abarca o dizer poético de Rosa remete ao conceito de um porvir na representação aristotélica, a qual diz que o tempo verdadeiro é a chegada do já ser, o recolhimento do vigor que precede uma chegada, na explicação de Heidegger (2003) esse recolhimento abriga a cada vez o mais cedo e

primevo, assim como o ser da inaugural linguagem de João Guimarães Rosa. Nesse devir o ser da linguagem poética roseana consubstanciada no corpus dos textos de *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) alcança e apropria a essência pura e vigorosa da palavra poética, uma espera anunciada que amortece os sentidos mundanos em favorecimento de tudo que é essencial e autêntico.

A palavra poética vigora no canto da poesia primeira de Rosa, a qual deposita a pureza seu ser na essência de todas as suas outras tessituras. Heidegger (2003) transcreve esse devir poético como o brilho especial que apreende o verdadeiro e a dor que tudo atravessa e garante, “[...] a simplicidade de sua essência revertida determina o devir, a partir do cedo mais cedo, sempre velado, sintonizando com a jovialidade da alma grande” (HEIDEGGER, 2003, p.53-54). A palavra que procede desse devir inflama e evoca o ser da linguagem, a qual se retrai acenando e atraindo a ‘alma grande’ pelo caminho velado que en-caminha ao lugar de sua essência. Esse movimento de devir se configura e mana da fonte que canta a poesia de Rosa, um canto poderoso que recolhe o vigor inaugural da palavra poética, e a preciosidade de seu dito brilha de maneira indizível.

A entrega do poeta a esse movimento de devir retira seu olhar do lugar comum, e resulta no desprendimento que eleva e encaminha ao lugar da poesia que traz à linguagem o dizer poético que prevalece. O desprendido segue silencioso com passos iluminados pelas veredas que convocam para a quietude do lugar em que repousa e vive o ser da linguagem. Sobre esta travessia obscura Heidegger (2003, p.59) esclarece que:

O desprendimento é o lugar da poesia porque a harmonia dos passos ressoantes e iluminadores do estrangeiro inflama a travessia obscura dos que o seguem num canto em escuta. A travessia é obscura porque é somente seguindo que suas almas iluminam-se no azul. A essência da alma cantante é assim apenas uma visão antecipada do azul da noite, esse que resguarda o cedo mais quieto.

Na quietude do cedo de uma infância o canto harmonioso do desprendido ecoa através de sua vereda para os sons da língua levando consigo também aqueles que seguem na ausculta do ressoar de seus passos silenciosos. Esse desprendimento dos viandantes que atravessam a escuridão azul da noite se desvela como o lugar da poesia. O desprendimento abriga a harmonia de uma escuta e recolhe os acenos da essência vigorosa da linguagem para tornar-se poema. O que nele se pronuncia repousa na poesia que permanece impronunciada. A fala autêntica pronunciada pela poesia de Rosa estabelece seu dito à medida que corresponde ao prosseguir do estrangeiro rumo ao lugar de sua poesia, ela fala ao percorrer o caminho noturno e ambíguo da noite sagrada desta saga poética. A força instaurada pela envergadura da essência da linguagem irradia seu brilho iluminador ao longo do percurso destas veredas. Heidegger explica que a essência da linguagem comporta uma formulação nada linguística, uma formulação apenas acena em direção da essência da linguagem. Na visão do filósofo a essência da linguagem se desprende do caráter fonemático e grafemático das palavras para também apreender um caráter expressivo, ou seja, ocorre uma espécie de manifestação expressiva da linguagem que abarca uma exteriorização do interior e remete ao subjetivo. O discurso sempre ultrapassa

o sensível físico das funções gráficas e fonéticas, por isto a linguagem se desvela como algo suprassensível ao transbordar para além do sensível, revelando assim sua essência metafísica.

O dizer original resultante do vigor da palavra pura anunciada em *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) recolhe o encanto da essência vigorosa da linguagem poética. O eu lírico de Rosa silencia para escutar ao chamado inaudível do lugar de sua poesia tomado pela atração pura e irresistível de um apelo silencioso, ele sabe que para pronunciar uma fala matinal necessita escutar a partir da própria linguagem. O estrangeiro que habita no eu poético de Rosa co-responde aos acenos misteriosos do sentido de ser da linguagem e se põe a caminho rumo à corajosa travessia pelas veredas da palavra. Com sua alma andarilha, sabe que precisa caminhar obstinadamente rumo ao lugar onde repousa a fonte turva da saga do dizer. Ele é consciente de que a essência da linguagem ainda é imprecisa, porquanto permanece completamente velada, todavia, o estrangeiro roseano caminha em sua direção na forma de um apelo. Isto posto, a essência da linguagem lhe responde por meio de acenos a partir do lugar de seu ser e na conversa originariamente conduzida por intermédio dessa saga, a essência da linguagem deposita seu dito na prosa poética roseana.

O excerto a seguir se encontra presente em “Além da amendoeira” (ROSA, 2001, p.280), nele cintila a magia soberana do intenso lirismo poético impregnado na prosa roseana, traço que vem reforçar o pensamento de Heidegger de que a prosa comporta um dizer tão sublime quanto o poema. Os muitos sentidos que manam do canto poético pronunciado no texto se mostram em surpreendente consonância com o estranhamento e as sensações que elas provocam.

Mas, de longe, ainda as amendoeiras, que mútuas são, e pertinentes. Isto é, Drummond não ficara sabendo que moro também entre elas, íntimas, de janela; no verão suas sombras comovem-se nas venezianas do quarto, conforme jogam, de manhã. Vejo uma, principalmente, a um tempo muda e loquaz. Ela faz oito anos. Digo: que ele morreu, uma noite fria, de um julho, ali debaixo dela o enterramos, muito, muito. Um gato. Apenas. Chamava-se *Tout-Petit*, e era só um gato, só um gato, um gato... Além. Ah! As amendoeiras. A de Drummond, amendoeirinha de mama, ainda sem nem sussurros. A minha, a quem, então, às vezes peço: - Cala, amendoeira... (ROSA, 2001, p.283).

A poesia que alicerça a linguagem roseana em “Além da amendoeira” (ROSA, 2001, p.280) repousa no lugar que interpela os homens, uma conversa que diz o essencial de seu ser, visto que nesta experiência com a linguagem se recolhe mais o silêncio do que fala. Tal silêncio não remete ao emudecer dos homens, antes comporta o mais *deletério vozerio*, porquanto o dito que perdura recolhido dos acenos da essência da linguagem fundamenta e evoca o vigor da palavra poética. Um diálogo com o sentido de ser da linguagem nos fragmenta e transforma. Ter uma experiência harmoniosa com a essência da linguagem advém unicamente de uma entrega total, implica em atender suas reivindicações para entrar em profunda sintonia com seu ser. De tal forma entregue, misteriosamente ela o absorve por completo e toca a porção mais íntima de uma presença, o ser se descobre refém da própria linguagem.

O poder da linguagem se estende de certa forma ao próprio vigir das coisas no mundo. Heidegger (2003) considera que o ser das coisas está fundamentado na palavra, ou seja, o ser de tudo aquilo que “é” mora na palavra, destarte a linguagem acaba se desvelando como a casa do ser. Enfatizamos aqui que o sentido de ser não remete a um ente determinado, abarca o estado da presença, uma abertura para o vigir de sua essência. Somente a palavra poética decorrente da saga do dizer é capaz de agarrar a joia delicada e rica do sentido de ser. Nela a linguagem deposita os indícios de si mesma mostrando e apropriando o dizer, e como saga do dizer, a palavra poética é o modo desse acontecimento apropriador. Finalmente, nesse movimento apropriador da fala poética a linguagem roseana recolhe e elabora seu dizer como um monólogo solitário e por meio desta saga mostrante de seu dito a essência da linguagem deposita na palavra o sentido de seu ser.

Considerações Finais

Ave, Palavra (ROSA, 2001), o título ambíguo propositalmente escolhido por Guimarães Rosa, sugere uma saudação à excelência e supremacia da palavra, concomitantemente a relaciona à sua grande paixão, os pássaros. Um exuberante e refinado jogo linguístico multiplicador de sentidos que permeia toda a obra, confundindo e encantando o leitor. Nessa coletânea Rosa verdadeiramente define a que veio, mostra que sua composição literária não se resume apenas na opulência de sua engenharia linguística, aqui o autor mineiro não se revela somente como um mágico das palavras, mas da emoção e sensibilidade. Sua fala recolhe e apreende a essência sublime da poesia por meio do lirismo singular que flui do mais profundo ser da linguagem.

O vigor da poesia que mana de *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) abarca uma palavra que nunca cessa de vir, ecoando incessantemente no solo desértico de uma linguagem sem repouso. A tessitura roseana abarca uma unidade de formas, imagens, linguagem e textos que se completam transcendendo ao sentido maior e intencional de Guimarães Rosa, a condição humana diante da vida dilacerada no contexto moderno.

Exprimir o inexprimível, esta é a obsessão que coordena os fluxos poéticos da alma estrangeira do poeta roseano engendrada no solo acidentado de *Ave, Palavra* (ROSA, 2001), no qual o lirismo arraigado em sua palavra interioriza e verte toda a incompreensibilidade da existência humana na mais pura poesia. Tarefa das mais difíceis, diga-se de passagem, uma vez que a subjetividade que impera acerca dos sentidos de ser abarca uma linguagem fugidia, intrincada e obscura, quase intraduzível. Todavia, o caráter atemporal e enérgico da palavra essencial e a engenhosidade e autonomia da escrita roseana encontram fundamento na virtualidade de suas metáforas, um processo de transmutação da palavra que a atinge como um raio. Este por sua vez se propaga, percorrendo todo o texto. Tal fenômeno que se inicia na palavra opera efeitos extraordinários no contexto da obra, criando a profusão de sentidos que vertem da fala autêntica e inaugural da linguagem roseana estabelecida em *Ave, Palavra* (ROSA, 2001).

COSTA, E. L. The essence of the language in the interior of Ave, Palavra unveiled by the thought of Martin Heidegger. **Revista de Letras**, São Paulo, v.56, n.2, p.109-119, jul./dez., 2016.

- **ABSTRACT:** *Poetry that springs from Ave, Palavra flows from the significant plurality of his writing, a result of the unity of interior elements to the work and the unconditional surrender of the poet that leads him to the place of the essence of language. The inaugural chant of Rosean poetry penetrates the timeless language of speech and then establishes it from it in a genuine way. In this work we intend to analyze some aspects of the last work written by João Guimarães Rosa, led by Martin Heidegger's thought about the process that en-walks the essence of the poet to the place where language subverts time itself and beckons to it through Phenomenon of poetic creation.*
- **KEYWORDS:** *Guimarães Rosa. Ave, Palavra. Poetic creation. Language. Heidegger.*

Referências

CÂNDIDO, A. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas, 2006.

HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006.

ROSA, J. G. **Ave, palavra**. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.